

Chase lidera a baixa da "prime rate"

22 ABR 1986

Nova Iorque e Londres. — O Chase Manhattan Bank, terceiro maior banco americano, decidiu ontem reduzir em meio ponto percentual a sua taxa de juros preferencial (*prime rate*), fixando-a em 8,5%, o nível mais baixo dos últimos oito anos. A decisão, segundo fontes da instituição, foi adotada após a redução da taxa do redesconto bancário, decidida na última sexta-feira pela Reserva Federal (banco central americano). O chase foi seguido pelo Morgan Guaranty Trust e pelo Mitsui Manufacturers Bank.

Segundo porta-vozes de outras instituições bancárias dos Estados Unidos, espera-se que a decisão seja seguida por todos os grandes bancos, que deverão, proximamente, se alinhar ao percentual fixado pelo Chase. A redução do redesconto adotada pela Reserva Federal foi decidida em uma ação coordenada com os países industrializados. Os bancos centrais da Alemanha e do Japão também realizaram reduções semelhantes, sendo que no caso do Japão a taxa de redesconto foi fixada em 3,5%.

A consequência mais imediata da queda da *prime rate* foi a baixa observada ontem nas cotações do dólar nos mercados da Europa e do Japão. Em Tóquio, o dólar fechou ontem a 171,50 ienes, o que significa o nível mais baixo da história, apesar de uma atuação intensiva do banco central japonês, que comprou mais de um bilhão de dólares, a fim de evitar uma queda mais forte.

Ouro arrastado

A queda do dólar arrastou consigo também as cotações do ouro, que registraram baixas em quase todos os mercados. De Zurique a Hong-Kong, os preços do metal mostraram perdas. No mercado de Londres, a queda do ouro chegou a oscilar na faixa de 1%.

Segundo analistas do mercado financeiro americano, a queda do dólar nos mercados de divisas internacionais é uma consequência lógica da redução das taxas de juros, assim como esta é uma consequência da queda da taxa do redesconto. Eles explicam que, reduzindo as taxas de aplicação (*prime rate*), os bancos serão forçados a reduzir também as taxas de captação, ou seja, aquelas oferecidas a título de remuneração para os depósitos a prazo. Com isso, as aplicações em dólar deixam de ser atraentes para os investidores estrangeiros, reduzindo-se o fluxo de recursos na direção dos bancos americanos e a demanda pelo dólar nos mercados de divisas, o que resulta numa queda nas cotações.

Os beneficiados com a queda da *prime rate* serão os países latino-americanos que têm suas dívidas externas concentradas nos bancos americanos ou vinculadas a essa taxa. Para o Brasil, entretanto, a queda não tem a consequência auspiciosa que terá para esses países. É que a dívida externa brasileira tem sua parcela maior vinculada à *Libor* (taxa preferencial do mercado londrino), a qual já estava num nível mais baixo do que a *prime*. É previsível que a *Libor* acuse algum ajuste em relação à *prime*, mas isso não será tão representativo para a dívida brasileira quanto seria desejável.

Exportações ganham

A grande vantagem que o Brasil pode auferir será a da queda do dólar nos mercados de divisas. Com o cruzado atrelado à moeda americana por uma paridade fixa (Cz\$ 13,77 por dólar), o preço dos produtos brasileiros exportados vai ficar mais barato quando convertido para as moedas européias e para o iene. Isso pode significar um faturamento adicional para as empresas exportadoras, reforçando-as em termos econômicos e financeiros.

No entanto, no caso das importações, também em função da paridade com o dólar, elas se manterão estáveis quando forem feitas dos Estados Unidos, mas ficarão mais caras quando as compras forem feitas em fornecedores europeus ou japoneses.

Vantagem é pouca para os japoneses

Tóquio. — O consumidor japonês praticamente não está se beneficiando da valorização de mais de 30% do iene diante do dólar nos últimos sete meses. Um maço de cigarros americanos Salem custa agora os mesmos 200 ienes que custava em setembro, em Tóquio. Os turistas japoneses que vão à praia havaiana de Waikiki, um de seus locais preferidos para passeios, estão pagando apenas 2% menos que há um ano por um pacote de viagem de seis dias.

O fortalecimento do iene está fazendo vítimas na economia japonesa: as pequenas empresas, cujos produtos perdem poder de competição no mercado internacional. Pelo menos 40 dessas empresas, empregando 2 mil 182 pessoas, quebraram, saíram do mercado ou suspenderam as operações.